

A TRADUÇÃO E TRANSCRIÇÃO DA MORTE COMO PERSONAGEM EM NEIL GAIMAN E JOSÉ SARAMAGO

Thiago Henrique Gonçalves Alves ¹

Resumo

O presente ensaio visa trabalhar com a caracterização da imagem da morte nas obras *Sandman* (1987), de Neil Gaiman, e *As intermitências da morte* (2005), de José Saramago. Para isso, nosso aporte teórico terá Julio Plaza e Haroldo de Campos. Procura-se demonstrar como os dois artistas trabalham com a tradição da morte ocidental e como traduzem esse signo para suas obras.

Palavras-chave: tradução, transcrição, morte, Neil Gaiman, José Saramago.

A personificação da morte está vinculada diretamente à história. Podemos assumir o arquétipo da morte como uma necessidade humana para explicações filosóficas e como uma forma de escoar sentimentos relacionados a ela. Ao longo dos diversos séculos, ela foi retratada e descrita de diversas maneiras. Durante a Grécia Antiga, Tântatos aparece. Durante o período da ascensão do cristianismo e da Idade Média, além da mudança de gênero, a figura da morte assume outros formatos. Por exemplo, deixa de ser personificada pelo Deus Tântatos e assume uma figura feminina, geralmente esquelética: “assume forma de cadáver, figura nua com ou sem mortalha” (LURKER, 2003). Tal personagem é de fácil reconhecimento no quadro *A Morte e o Avarento*, de Hieronymus Bosch.

Interessante também notar que o conceito de morte é acompanhado geralmente de sentimentos complementares como a tristeza e o luto. O presente

¹ Bacharel em Cinema e Audiovisual – ICA, pela Universidade Federal do Ceará (2017), onde também possui licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Vernácula (2011). É pós-graduado em Educação e Jogos para Aprendizagem (2022). E atualmente é aluno do curso de Mestrado em Comunicação da PPGCOM – UFC – ICA. Pesquisando Cinema e Histórias em Quadrinhos. Fortaleza, Ceará.

ensaio tem como objetivo tratar da personagem Morte e como ela aparece em duas obras distintas de artistas contemporâneos: Neil Gaiman e José Saramago. Ainda para o bom entendimento deste trabalho, faz-se necessário abordar o conceito de tradução intersemiótica e o modo como os artistas fazem esse papel de tradutor.

Por seu caráter de transmutação de signo em signo, qualquer pensamento é necessariamente tradução. Quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, sejam imagens, sentimentos ou concepções [...] em outras representações que também servem como signos (PLAZA, 2003, p. 18).

Para Julio Plaza, o pensamento possui esse caráter de transmutação de signo. Em outras palavras, à medida que se pensa, trazem-se ao atual imagens e sentimentos, signos que podem ser de natureza abstrata, por exemplo. Pensar na morte pode se traduzir em sentimentos como tristeza ou ações como luto. Assim, pode-se assumir que a tradução desses signos ultrapasse não apenas a natureza histórica e social, mas também alcance os textos narrativos e poéticos, em outras palavras, o signo da morte (fim da vida) passa a ser da Morte (personagem) sofrendo essa transmutação e sendo personagens em obras artísticas, seja na literatura, cinema ou quadrinhos.

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por “signo icônico” aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”) (CAMPOS, 2011, p. 34).

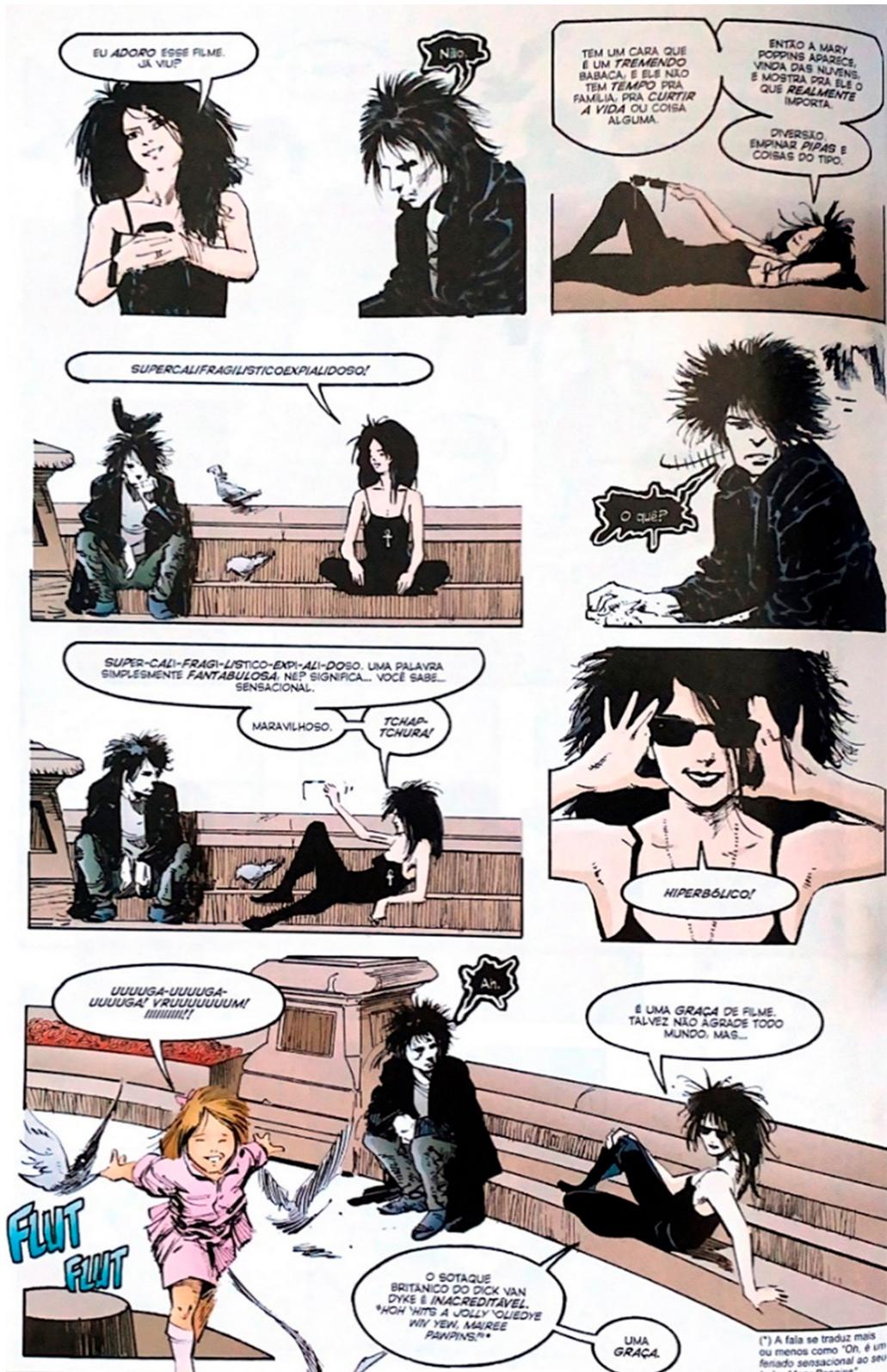
Haroldo de Campos define bem nesse trecho uma das possibilidades de tradução de textos criativos. Traduzir é recriar. Não apenas no quesito linguístico, mas também no pensamento e na tradição. Quando personifica a morte em seu filme *O Sétimo Selo* (1956), Ingmar Bergman traduz para o público uma visão da morte, simbólica e imaginária. Dentre as infinitas possibilidades que a tradução

do pensamento ou do sentimento pode trazer para uma obra, cabe ao artista traduzir à sua maneira seja para complementar a sua narrativa ou apenas para reforçar sua visão de mundo. Nesse sentido, o ensaio se encaminha para uma análise da personificação da Morte no quadrinho *Sandman*, de roteiros de Neil Gaiman e nas *Intermitências da Morte*, do romancista José Saramago. Como este signo é recebido, traduzido e transcriado pelos dois autores?

Figura 1 – Encontro entre irmãos



Figura 2 – Encontro entre irmãos



Em *Sandman*, Neil Gaiman nos apresenta os *Perpétuos*, sendo a Morte um deles. Ao todo são 7: o Destino, a Morte, o Sonho, a Destruição, o Desejo, a Desespero e a Delírio, outrora Deleite. Não se trata de divindades, o próprio Gaiman definiu o que são os *Perpétuos*:

Se este é seu primeiro encontro com *Sandman* é interessante entender que os *Perpétuos* não são deuses, pois quando as pessoas param de acreditar nos deuses eles deixam de existir. Mas enquanto houver pessoas para viver, sonhar, destruir, desejar, se desesperar, se deleitar ou enlouquecer, viver suas vidas e gostar uma das outras, então existirão os *Perpétuos* executando suas funções. Eles não se importam nem um pouco se você crê ou não neles (GAIMAN, 2004, p. 6).

O protagonista da obra é o Sonho, mas sua relação com a irmã mais velha, a Morte, é bastante desenvolvida ao longo dos 75 fascículos publicados entre os anos de 1988 e 1996 originalmente nos EUA e entre os anos de 1989 e 1998 no Brasil. Como falado, a Morte tem bastante destaque dentro da obra, aparecendo em vários momentos seja para consolar seu irmão ou lhe dar uma bronca. O sucesso da personagem foi tanto que não demorou a sair uma edição especial compilando todas as suas aparições dentro da obra original.

As duas páginas do quadrinho tratam da primeira aparição da Morte como personagem em *Sandman*. Após o sumiço de 70 anos do irmão mais novo, ela aparece preocupada, pois o Sonho anda muito triste e procurando o sentido da vida. A aparência física da Morte aqui é um retrato de seu tempo, inspirada na modelo estadunidense, e amiga de Gaiman, Cinamon Hadley. Ela possui características do movimento gótico e do rock inglês surgidos na década de 1980, mas sua aparência não é imutável. Ao longo dos anos e das edições, diversos desenhistas estiveram ao lado de Neil na construção de *Sandman*; em cada arco de histórias, a Morte era apresentada fisicamente com traços e formas diferentes, tratando-se assim de uma universalidade da personagem.

Voltando às páginas, percebe-se que a personagem faz de tudo para animar seu irmão mais novo, suas falas indo desde uma piada envolvendo pombos até uma referência a filmes e cultura pop como *Mary Poppins*, filme de 1964 dirigido por Robert Stevenson baseado na obra de Pamela Lyndon Travers. Ou seja, essa é a visão da Morte por Neil Gaiman, na qual ele trata de um signo que geralmente está ligado à tristeza e ao luto. Como disse Campos (2011), “[n]uma tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma”. Ao seguir adiante nessa primeira história, a Morte chama o Sonho para acompanhá-la em um dia do seu ofício, justamente para provar ao irmão mais novo o valor da vida.

Essa ação se dá no momento fundamental para o personagem Sonho, pois ele havia acabado de concretizar uma vingança e estava se sentindo vazio e em busca de uma nova razão para suas tarefas, nesse sentido a Morte, que chega “cheia de vida” para alegrar seu irmão, gerando um contraste imediato com a figura que temos em nosso imaginário.

Nas *Intermitências da Morte*, José Saramago propõe uma grande alegoria sobre a sociedade capitalista atual. Em um pequeno país não nomeado, de frente para o mar, a Morte cessa seu trabalho, e as pessoas deixam de morrer. O que em uma primeira vista parece ser algo positivo, pois a imortalidade é o desejo de muitos, logo se mostra um caos para a sociedade capitalista. Crises econômicas, morais e religiosas passam a existir e são escancarados os abismos sociais dessa civilização, uma clara crítica ao modelo econômico do capitalismo (que vive de ciclos de crise) e do cristianismo, pois sem morte não há ressurreição e todo o evangelho perde o sentido. Isso acaba gerando uma crise moral, pois as pessoas deixam de se importar umas com as outras. O livro é dividido em duas partes: embora isso não seja formalizado em divisão de capítulos, é facilmente perceptível

que a parte inicial mostra a sociedade lidando com as questões já relatadas acima e que a final dá um destaque maior para a Morte, que se arrependeu de conceder a imortalidade e resolve tomar todas as vidas atrasadas.

Gentilmente, ela envia uma carta avisando que a pessoa vai morrer e dá um prazo de 7 dias para que ela possa resolver as últimas pendências em vida. A partir daí, o narrador passa a acompanhar ou nos mostrar esse cotidiano da Morte.

Somos testemunhas fidedignas de que a morte é um esqueleto embrulhado num lençol, mora numa sala fria em companhia de uma velha e ferrugenta gadanha que não responde a perguntas, rodeada de paredes caiadas ao longo das quais se arrumam, entre teias de aranha, umas quantas dúzias de ficheiros com grandes gavetões recheados de verbetes. Compreende-se, portanto, que a morte não queira aparecer às pessoas naquele preparo, em primeiro lugar por razões de estética pessoal, em segundo lugar para que os infelizes transeuntes não se finem de susto ao darem de frente com aquelas grandes órbitas vazias no virar de uma esquina. Em público, sim, a morte torna-se invisível, mas não em privado, como o puderam comprovar, no momento crítico, o escritor Marcel Proust e os moribundos de vista penetrante (SARAMAGO, 2005, p.145).

Em Saramago, temos uma versão mais próxima da ideia da Morte como personagem esqueleto, afinal o narrador afirma ser uma das “testemunhas fidedignas” de que a Morte é um esqueleto velho e que reside em uma sala antiga e fria. Percebe-se que diante de todo o tom de sarcasmo e crítica que o escritor português tem em torno da personagem, Saramago ainda nos é capaz de mostrar sua tradução da personagem: sua aparição não é visível, por uma estética pessoal e para evitar a morte súbita ao olhar as “grandes órbitas vazias” de sua face. Aqui, o escritor português faz um contraste com aquela figura da morte esquelética e feminina que mencionamos nos primeiros parágrafos, surgida durante a ascensão do cristianismo na Idade Média. O tom sarcástico é percebido quando em sua fala ele diz que ela não assume forma, pois é vaidosa e não quer matar as pessoas de susto.

Uma coisa que une tanto Gaiman quanto Saramago é o caráter transformador de suas personagens. A Morte não é uma entidade única e plana,

não se trata de uma representação do bem contra o mal, mas de uma personagem bem construída e com várias camadas de personalidade e de símbolos.

Este ensaio teve como proposta apresentar os conceitos de tradução semiótica e transcrição aliados a um olhar sobre a personagem da Morte em dois artistas contemporâneos. Tanto Neil Gaiman quanto José Saramago trabalham esses conceitos a fim de mostrar uma personagem que difere do imaginário de um público comum, mas que ao mesmo tempo é reconhecível. O elemento norteador foi a utilização do símbolo da morte como fator cultural e interpretativo por parte dos artistas. Fazendo parte de um imaginário simbólico e que por isso ela pode ser traduzida de diversas formas. O conceito de tradução definido por Julio Plaza e Haroldo de Campos dá margem a percebê-la como processo de criação artística. Não se trata apenas de uma representação da Morte, mas de como Gaiman e Saramago recriam a personagem à sua maneira, encaixando-a em seus propósitos. No caso do escritor britânico, encaixando-a em um mundo cheio de referências à cultura pop (não nos esqueçamos que *Sandman* faz parte do universo de super-heróis da *DC Comics*). Já no escritor português, ela aparece como forma de crítica ao sistema, fazendo a população daquele país sofrer principalmente por ser um país capitalista e quebrando alguns dogmas do cristianismo.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição poética: poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2011.
- GAIMAN, Neil. **Morte: edição definitiva**. São Paulo: Panini, 2018.
- GAIMAN, Neil. **Noites Sem Fim**. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2004. Tradução de Sérgio Codespoti.
- LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução de Mario Krauss, Vera Barkow.
- PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.